

MEDITAÇÕES, MEDIÇÕES

Carmen Lúcia Capra (UERGS)

Resumo: Apresenta-se a pesquisa *Quantidades de substância, ar da palavra*, dando foco às experimentações que especulam possibilidades de escrita e imagem feitas a partir de expressões condicionantes, os advérbios, presentes em livros tradicionais. Tais palavras, que modulam intensidades e dimensões de tempo, de espaço, de quantidade, de tamanho, foram desligadas de substantivos e verbos por gestos e materialidades, resultando na versão *Meditações, medições* do livro de Marco Aurélio, originalmente composto entre os anos 170 e 180 da era comum, a escrita de advérbios em crochê sobre papel e a distribuição de advérbios por meio de carimbos em etiquetas adesivas. O conjunto aborda os mensuradores em circulação, indagando a definição de estados e a impossibilidade da precisão, em contraste à obsessão que a cultura vigente imprimiu aos valores na forma das relações com o mundo. No decorrer do texto, reflete-se sobre a abertura do sentido das palavras que mensuram, sugerindo gestos de escrita que reivindiquem e comuniquem a posição do corpo entre outros corpos.

Palavras-chave: Palavra. Circulação de valores. Poéticas visuais.

Quantidades de substância, ar da palavra é a reunião de experimentações poéticas realizadas concomitantemente à docência universitária na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Reúne um trabalho experimental e poético esparso, porém perseverante, que se alimenta das contradições, das florações e das pertubações geradas entre educação e artes visuais. Criar também compõe a existência de uma mulher branca, que pesquisa escola e formação docente em artes visuais em uma universidade pública, e recentemente interessada nos estudos sobre branquitude e memória colonial.

Há pouco entendi o porquê de priorizar o diálogo com mulheres para empurrar a maioria esmagadora dos autores homens no pensamento acadêmico. Essa garantida e invisível presença atua no modo como nos entendemos e como entendemos o que fazemos. Gloria Anzaldúa, mulher negra, lésbica e escritora do terceiro mundo, ensina:

> Nos convencem que devemos cultivar a arte pela arte. Reverenciarmos o touro sagrado, a forma. Colocarmos *molduras e metamolduras ao redor dos escritos.* Nos mantermos distantes para ganhar o cobiçado título de "escritora literária" ou "escritora profissional". *Acima de tudo, não sermos simples, diretas ou rápidas*. (ANZALDÚA, 2000, p. 230. Grifos meus).

Nesta investigação, a visualidade é um modo de dar algo a conhecer a partir de imagens que, neste caso, são processos comunicados por meio da escrita digital, do crochê e de carimbos. Os trabalhos suspendem quantidades e medidas, ressoando na imaginação sobre o gesto que atua na palavra e nas formas de escrever.

A inquietação inicial de *Quantidades de substância, ar da palavra*[1] foi sobre o uso do tempo. Se o uso do tempo fosse apreciado, talvez avaliaríamos o que foi feito da vida: deu em quê? Rendeu? Faliu? Porém, se houvesse outra relação com o tempo que não fosse uma contabilidade, qual seria? O trabalho de um coletivo artístico, do qual participei em 2013, refletiu sobre o tempo socialmente compartilhado, espacializado na métrica dos calendários e dos relógios, propondo um desvio para "Sonhar a abertura do tempo em sua dimensão física é habitá-lo justamente na zona de tensão entre estes territórios em disputa" (BALDISSEROTTO; CAPRA, 2013).[2]

Entrar na disputa do tempo conformado pela rotina, seria gastá-lo com os Minutos de Sabedoria, escrito por Carlos Torres Pastorino (1966), popularmente considerado o maior *best seller* de autoajuda no país. É um livrinho que sobrevive em gavetas, junto àquelas coisas das quais não duvidamos da utilidade, tanto que ficam guardadas por anos. Quando fiz o seu escrutínio, analisando os 288 aconselhamentos, percebi a sóbria intenção de salvação, muitas vezes em tom de repreensão. As páginas impressas em papel bíblia, margeadas e numeradas, frequentemente iniciavam com não: não critique, não deixe, não tenha, não fique, não aceite.

De expressões contundentes como essas, passei a me interessar pelas intensidades que acompanham substantivos (ou substâncias), definindo seus estados. É fácil encontrá-las em receitas culinárias como "adicione açúcar quanto

[1]A pesquisa abrange também a monografia *Valores em circulação, ar da palavra*, realizada no curso de Pós-Graduação Lato Sensu Gestos De Escrita Como Práticas De Risco (2022), promovido pelA Casa Tombada e FACONNECT- Faculdades Conectadas.

[2]Texto da exposição coletiva *Abrir o Minuto*, do Laboratório de Práticas, coordenado por Ana Flávia Baldisserotto, com quem dividi o texto de apresentação em 2013.

baste" ou "tempere a gosto". Como podem medir essas medidas e qual é a sua natureza, já que a preparação culinária deve fornecer informações precisas para os pratos darem certo? O quanto basta, o tal suficiente, o tanto do gosto: como sabê-los, se imprecisos? E na imprecisão, como agimos?

Sob essa curiosidade, fui colecionando expressões que definem estados, agrupando-as sob a ideia de calibragens que, curiosamente, também acionam um espaço de impossibilidade de precisão. Originou-se disso a escrita tecida de advérbios, perfurando a materialidade frágil do papel manteiga com crochê sem arremate final, tendo o desmanche como possibilidade (Imagens 1 e 2).





Imagens 1 e 2: Cartões postais, 10 x 15 cm. Crochê sobre papel manteiga, 2021. Acervo pessoal.

Passei a observar as expressões circunstanciais em outra publicação de grande alcance, as *Meditações* de Marco Aurélio, aquele governante romano que, no século II da era comum, dedicou-se a escrever pensamentos. Dizem que em momentos livres, ele escreveu para si mesmo os mais altos códigos morais como um modo de melhorar-se e de orientar-se. Interessante que, 19 séculos depois, o monólogo meditativo segue sendo indicado para se pensar claramente, como se, lendo Marco Aurélio falando a si mesmo, ele ressoasse em outros tempos, espaços e contextos.

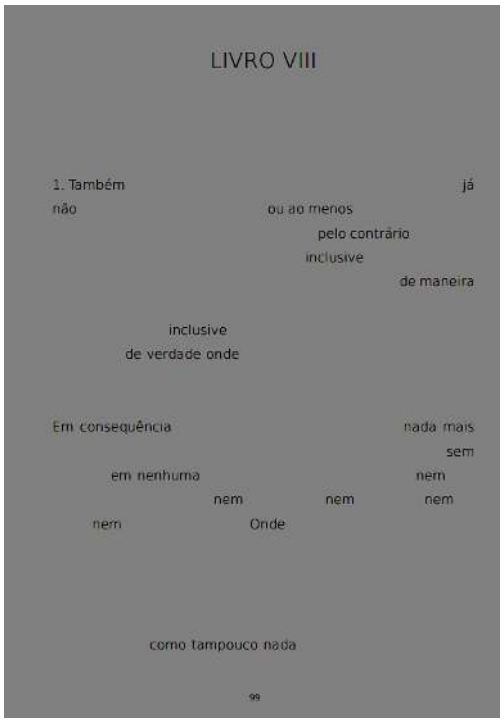
Meditações reúne habilidades para libertar o homem das dores e dos prazeres do mundo material, reflexões sobre controlar a influência dos outros sobre

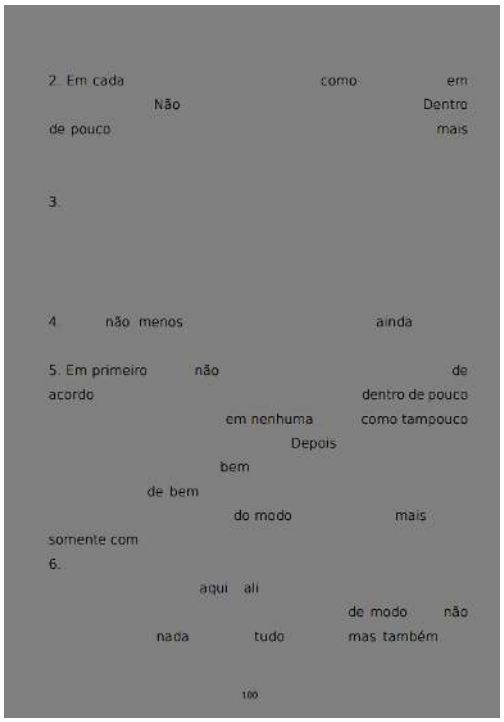
si mesmo e a crença em um tipo de força capaz de organizar o universo de forma lógica e benevolente com o todo. Vale apreciar uma delas, observando a linha tênue do combate entre o que liberta, mas que também aniquila:

> Não permitas [que] te arrastem os acidentes exteriores; procura tempo livre para aprender algo bom e pare de girar como um peão. Adiante, deves precaver-te também de outros desvios. Porque deliram também, em meio a tantas ocupações, os que estão cansados de viver e não têm alvo ao qual dirigir todo impulso e, em resumo, sua imaginação. (MARCO AURÉLIO, 2011, p. 12).

O todo elaborado a partir de si, solitariamente, e um modelo até hoje, é a efetivação da dominação daquela medida (do homem governante, militar, romano, ocidental, gênio, herói, branco) como medida de todas as coisas.

O "regulamento" das *Meditações* poderia ser evidenciado, então, pelas expressões circunstanciais do livro. Daí surgiu *Meditações medições* (2023), feito em um gesto de (re)escrita e apagamentos que mantém apenas as expressões adverbiais originais, posicionadas onde estavam no livro impresso (Imagens 3 e 4).





Imagens 3 e 4: Páginas 99 e 100 do livro *Meditações medições* (2023).

Em primeiro plano, a estrutura adverbial permite perceber sua cadência e frequência, além de materializar graficamente o esforço de definição das coisas naqueles dizeres. O item 47 do Livro VI, por exemplo, tem esta composição:

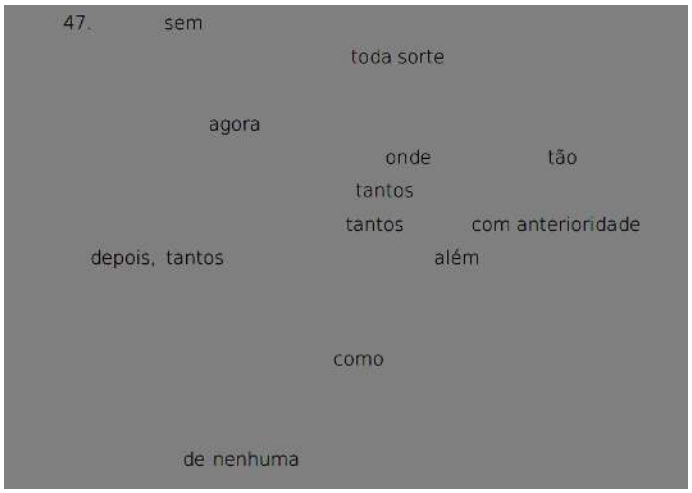
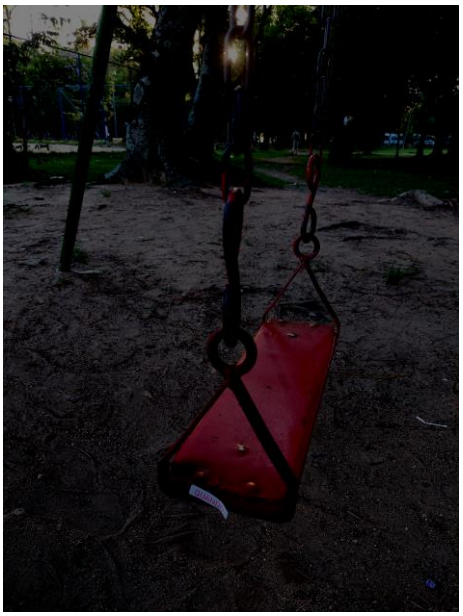


Imagem 5: recorte digital da p. 80 do livro *Meditações medições* (2023).

Sem substâncias, as intensidades ficam abertas. São como laços desatados que formam uma estranha poesia – o que impulsionou seguir nesse gesto de escrita. Neste caso, evidenciei a estrutura de medição uma escrita canônica fazendo apagamentos, porém, em outros momentos, lidei com o registro de intervenções a partir de palavras carimbadas, especulando o que pode ocorrer à definição de estados quando se abre a palavra definidora e seu modo de circulação. Daí veio o conjunto de carimbos que convidam à escrita em etiquetas adesivas (CAPRA, 2022), como as que recebem os valores das mercadorias, mas em vez de fixarem os preços, colocam estados imprecisos em circulação (Imagens 6 a 8).







Imagens 6, 7 e 8: Valores em circulação (32 carimbos com expressões adverbiais do Livro III de *Meditações medições*, 2022*)* e intervenções no espaço público com etiquetas carimbadas (2023). Acervo da autora.

Como aporte para pensar o que então pareciam ser estados de imprecisão ou de indecisão, foi interessante considerar que os gregos se dedicaram a uma busca até excessiva pela beleza, apostando no deslumbramento,

> [...] e o que deslumbra é um certo tipo de aparição irrefutável das coisas neste mundo. A beleza era para eles a mais encantadora das aparições. E aparição é algo frágil. O que surge de repente pode rapidamente se transformar ou desaparecer. Dizemos que "as aparências enganam", não só porque associamos a aparência ao falso e ao dissimulado, mas porque a aparência não nos garante nem promete nada além do que mostra. Seria talvez mais correto dizer que nós é que nos enganamos ao exigirmos que uma aparência se estabilize, fique parada, quieta e solene como uma verdade eterna. (ERBER, 2021. Documento Eletrônico).

A pesquisa também produz aparições frágeis nas palavras, que não garantem nada além do que precariamente mostram ou fazem circular.

Em seu uso normal, as intensidades colaborariam na sustentação de analogias e na caracterização das substâncias. Ao desfuncionar tal aplicação, é como se recuperássemos a distância impalpável entre as coisas e a linguagem, manifestando-se uma espécie de ponto cego (FOUCAULT, 2011). Aí a possibilidade da imagem não remete à da precisão da vista, sendo a cegueira, uma abertura.

Não era a escrita significada o que contava na pesquisa, mas também não a sua destruição: "há significado, mas este significado não se deixa 'agarrar' (BARTHES, 1978, p. 108). O significado desliza em *até que* e *mais ainda,* tornando-os móbeis de um

> jogo infinito da fragmentação, [como] a palavra de areia, pulverizada e pulverizadora, alheia a qualquer forma de reverência pelo Todo ou pela Unidade, [que] afasta do campo do pensamento toda tentativa de atribuir um sentido ao mundo (OLIVEIRA, 2019. Documento Eletrônico).

As palavras arenosas também podem ser areadas, condição que permitiu pensar que *ar da palavra*, componente do título da pesquisa, descreve a tática poética que areja a palavra quando rui a escrita. *Adiante*, expressão que mesmo descontextualizada localiza tempo e espaço, por um vislumbre poderia ser um valor de areia ou um índice suspenso.

Jorge Ramos do Ó (2019) explica que a linguagem nem sempre foi decisiva, ela recebeu esse predicado a certa altura da história da humanidade. A irrevogabilidade da linguagem é um item importante aqui, porque é esse caráter de decreto o que toma ar. Ademais, no ocidente, historicamente a escrita foi o recurso

que atribuiu sentidos ao mundo, permitindo organizá-lo e firmar acordos entre os povos em torno daqueles sentidos firmados. Ao apararem as diferenças e construírem unidades estáveis, formaram o que hoje são as culturas nacionais, os sistemas de medidas e as disciplinas, por exemplo.

Essa construção de implicação prática também é uma construção geopolítica e simbólica da própria Europa, origem dos colonizadores da América Latina, ou melhor, Améfrica Ladina, para desfuncionar a construção eurocêntrica que estabelece a cultura ibérica como sendo a nossa matriz central (ALBORNOZ, 2020). Para Alfred Crosby (1999, p. 61). A Europa "não tinha centro e, portanto, tinha centros por toda parte", pois ela não foi sempre sólida como parece, isso veio por condições que agregaram e resumiram povos e culturas diversas e dispersas. Era uma mistura de "controles e contrapesos" disputados por reinos, ducados, baronatos, bispados, comunas, guildas, universidades, que disputavam com os homens de negócios, cambistas de moedas que assediavam camponeses, nobres, sacerdotes. A burguesia negociante era vista pelas elites palacianas e religiosas como possuidoras de uma "meritocracia petulante" que, mesmo temida e desdenhada, tinha que ser aturada, porque havia "[…] criado uma civilização em que as outras pessoas só podiam obter satisfação pessoal comprando os serviços daqueles que viviam fazendo cálculos e concedendo-lhes privilégios (CROSBY, 1999, p. 62).

A importância da economia naquela sociedade e a estabilização dos padrões na música, na geometria, no câmbio e na contabilidade, levou à *paixão obsedante* da cultura do ocidente pelas quantificações (CROSBY, 1999), um vício, mesmo. Essa obsessão difundiu-se mundialmente pela exploração colonial, afirmando a lógica contratual, jurídica e universal que veio a permear todas as relações, como explica Marina Garcés:

> O *contrato ou a associação de valor universal* é a única mediação entre a desordem e a ordem, entre a individualidade concreta, sujeita a necessidades e o desejo ilimitado de posse, e a *subjetividade abstrata*, depositária de valores como a igualdade e a universalidade. É precisamente a abstração dessa subjetividade, ainda que depositária da igualdade e da universalidade, o que permite manter a relação e cooperação concreta dos homens em termos de *indiferença recíproca*. Assim, o universalismo jurídico se estabelece pela redução das relações interpessoais em relações econômicas. (GARCÉS, 2013, p. 26. Tradução e grifos meus).

Uma subjetividade abstrata e uma indiferença recíproca também são produções do ranquemento que nos afeta atualmente, além de acirrarem a competição e a objetificação dos seres. Um valor universal media e repõe o elo entre o individual/concreto e o universal/abstrato, daí ser tão associado ao comércio. Justamente porque circula com facilidade, o valor de câmbio firma-se, basta pensar nas pontuações que impregnam as redes (sociais e comerciais), capitalizando a vida privada e a vida pública. Ainda que a pesquisa não tenha um viés crítico, mas poético, o livro, as intervenções com carimbos e as palavras bordadas (Imagem 9) tomam posição ao pensar sobre os esforços destinados a certificar, quantificar e auferir as coisas, os seres e a vida, e que resumem muito a nossa capacidade relacional.

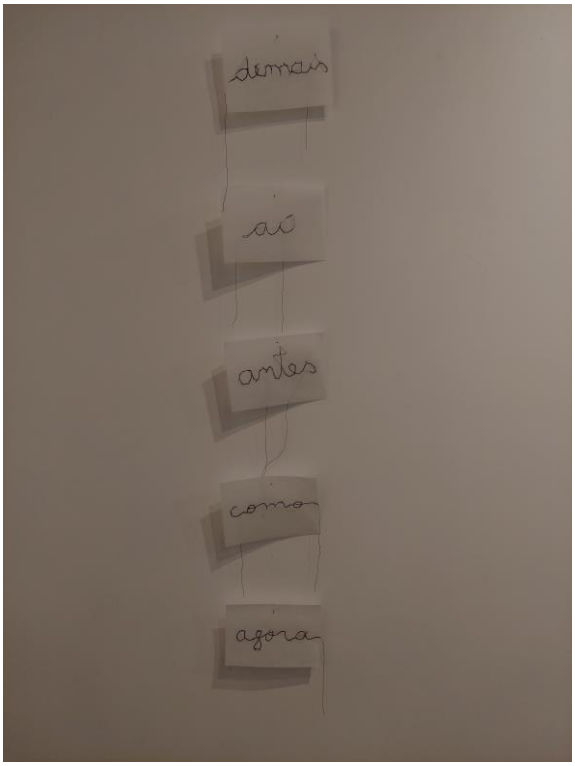


Imagem 9: Bordar uma escrita, sonhar um estado. Crochê em linha de costura sobre papel manteiga, 2023. 10,5 cm x 14,8 cm cada. 2023. Acervo da autora.

Artistas dedicam-se ao tema, como Marcel Duchamp, em 1913, que criou um novo metro. Com três cordas de exatos um metro cada, suspendeu-as a um metro de altura e as largou no chão. Cada corda formou uma linha sinuosa no solo, o que foi cuidadosamente transposto para um suporte de madeira, formando um conjunto de três réguas onduladas e aleatórias, guardadas em uma caixa austera, também de madeira. Intitulada *Trois stoppages étalon* (Três paradas padrão), para ele eram acasos preservados e que escaparam dos "métodos tradicionais de expressão há muito associados à arte" (TATE MODERN, 2022. Tradução minha), basicamente quanto à precisão da visão e à suposição da sua superioridade em relação a outros modos de relação com o mundo. Já Rochelle Costi (1961-2022), em Escada Palavra (2011-2014), posiciona palavras nos degraus de uma escada em um desgastado prédio de alvenaria, abrindo uma zona de pensamento sobre estados, posições, temporalidades e significações. Em *Longe/perto* (2014), o intervalo entre andares, as palavras pousadas nos degraus e até a perspectiva da fotografia tensionam demarcações clássicas da cultura da imagem e da escrita ocidental: linha, margem, planos de representação, perspectiva.

Retomo Marco Aurélio, quem pondera, localiza e meio que calibra uma coisa e outra em meditações sobre o viver de sua época. Ainda que imerso em pensamentos, seu guia de conduta é ambíguo, está entre um pensamento divagante e a hierarquia que aquelas palavras edificam. Se forem tomadas como valores fixos, podem desconsiderar o que compartilhamos com outros, neste mundo, nas conexões de hoje. Podem formar subjetividades abstratas, indiferentes ao que é mútuo entre os seres que habitam o mundo.

Quando a medida é tomada como um índice exemplar, acomoda-se como uma convicção sobre a realidade. Resumida, a realidade circula com maior velocidade agora como mercadoria, porém diminuída na sua complexidade existencial e relacional. Perde-se o corpo, nisso, e não é que todos os índices sejam perversidades, afinal a organização do mundo precisa de acordos práticos que o tornem compartilhável. A questão é que na nossa educação ocidentalizada, ainda que um valor não aparente ser uma redução (é "só" uma medida), ele é funcionado

por uma lógica exploratória, pois resume exatamente para ter circulação, daí as medidas serem associadas aos comércio.

Um dos problemas dos valores e da obsessão que produzem é a mediação ou a promessa injetada neles, como se pudessem repor o elo entre o individual e o universal, entre o concreto e o abstrato. O valor de circulação comercial firma-se universal e universalizante tanto pela forma de distribuição – preços, notas, posições, posturas, quantidades, períodos, identidades, afinações, perspectivas, fatores de impacto, índices de engajamento, métricas de interações – quanto pelo modo como se dissemina em nossas ações para além deles. Basta pensar nos obsessivos ranqueamentos de avaliação e captura de dados que impregnam as redes sociais/comerciais que atravessam a vida particular e pública.

A esta altura da pesquisa, considero que bordar medidas abertas e carimbar valores imprecisos em etiquetas móveis é seguir perguntando sobre a definição e a precisão de estados e escapar da competição e da abstração. Arejar a fixação de estados-valores, suspendendo-os, é tomar os advérbios e a escrita em sua precariedade e fragilidade, assim como são os corpos. Na ação de quem carimba e etiqueta, nos gestos de ler e reescrever livros canônicos ou na mão que borda uma palavra que tateia sentidos, há um corpo que reivindica e comunica sua posição entre outros corpos.

Arte e escrita não podem ser por elas mesmas, pois quando emolduram-se, emolduram, podendo anular estados poéticos e escriturais que são sempre potenciais, relacionais, plurais. Não existe separação entre vida e escrita (ANZALDÚA, 2000), então sonhar aberturas à escrita que mensura com outros gestos e materialidades pode animar uma potência mútua contra as metamolduras que nos objetificam e isolam.

Referências:

ALBORNOZ, Nicole Ballesteros. *Lélia Gonzalez:* a feminista negra da Améfrica Ladina. Disponível em: https://catarinas.info/lelia-gonzalez-a-feminista-negra-da-amefrica-ladina/. Acesso em 14 ago. 2023.

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 08, n. 01, p. 229-236, 2000. Disponível em http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2000000100017&lng=pt&nrm=iso. Acesso em 29 ago. 2023.

BALDISSEROTTO, Ana Flávia; CAPRA, Carmen Lúcia. *Abrir o Minuto.* Texto de apresentação. 2013.

BARTHES, Roland. *Roland Barthes par Roland Barthes*. Tradução de Julieta Sucre. Barcelona: Editions du Seuil, 1975 y Editorial Kairos, 1978.

CAPRA, Carmen Lúcia. *Valores em circulação, ar da palavra*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização). A Casa Tombada / FACCONECT - Faculdades Conectadas, São Paulo, 2022. Disponível em: https://acasatombada.com.br/artigos-e-tccs/valores-em-circulacao-ar-da-palavra/?order=DESC&orderby=date&perpage=12&search=carmen&pos=1&source_list=collection&ref=%2Fartigos-e-tccs%2F. Acesso em 29 ago. 2023.
_____. Meditações medições. Porto Alegre: UERGS, 2023. Ebook. Disponível em: https://repositorio.uergs.edu.br/xmlui/handle/123456789/2810. Acesso em 29 ago. 2023.

COSTI, Rochelle. *Escada Palavra.* Disponível em: https://rochellecosti.com/Escada-palavra-2011-2014-1. Acesso em 5 set. 2023.

CROSBY, Alfred W. *A Mensuração da Realidade*: a quantificação e a sociedade ocidental. São Paulo: Edidora UNESP, 1999.

ERBER, Laura. Para os guardiões da beleza. *Suplemento Pernambuco*, julho de 2021. Disponível em: https://suplementopernambuco.com.br/pernambuco/129-laura-erber/2719-para-os-guardi%C3%B5es-da-beleza.html. Acesso em14 ago. 2023.

FOUCAULT, Michel. A Linguagem do Espaço. In: *Arte, Epistemologia, Filosofia e História da Medicina.* Manoel Barros da Motta, Organizador. Ditos & Escritos VII. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

GARCÉS, Marina. *Un Mundo Común*. Barcelona: Edicions Bellaterra, 2013.
MARCO AURÉLIO. *Meditações.* Tradução de Thainara Castro. Brasília: Editora Kiron, 2011.

Ó, Jorge Ramos do. *Fazer a mão* – por uma escrita inventiva na universidade. Lisboa: Edições do Saguão, 2019.

OLIVEIRA, Ana Lúcia M. de. *Falar é morder uma epidemia*. 2019. Disponível em: https://palavracomum.com/falar-e-morder-uma-epidemia/. Acesso em 14 ago. 2023.

TATE MODERN. *Materials and Objects.* 2022. Disponível em: https://www.tate.org.uk/art/artworks/duchamp-3-stoppages-etalon-3-standard-stoppages-t07507. Acesso em 14 ago. 2023.